

O Gaiato

9 DE AGOSTO DE 1969

ANO XXVI — N.º 663 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

DOCTRINA

Foi há semanas. Veio nos jornais. Mas nem por isso deixam de ter cabimento n' «O Gaiato», onde a perspectiva raro é de reportagem, estas palavras preciosas do Eng. Rogério Martins aos industriais de panificação, cuja riqueza doutrinal e universalidade exigem que as não esqueçamos:

«Parece estranho que se ache dever agradecer uma coisa normal. E é. Vejo nisso mais um sintoma da profunda reforma que temos de fazer na nossa legislação e na nossa mentalidade industrial: substituir o verbo condicionar pelo verbo promover; substituir a noção de que o poder público concede benesses e privilégios pela de que ajuda os empresários a singrarem por si no mundo das leis objectivas da luta económica; tornar patente que não se pode, sob pretexto de proteger indústria, ser arrimo de monopólios abafantes de iniciativas válidas, ou perturbantes das indústrias clientes pelas condições de fornecimento que para com elas usam.

A decisão, que me agradecem, cifra-se afinal nisto: puz a bola no vosso campo; agora é aos senhores que compete batê-la e marcar pontos.

Que linguagem bendita achamos nós, que tantas vezes provámos ao longo dos 30 anos de vida da Obra, quão caro é trabalhar por amor de Deus a bem da Nação!

De tão habituados ao jogo de compadrios em que a «cunha» é o trunfo, os industriais foram agradecer ao Secretário de Estado o que ele, com a simplicidade devida, confessou ser o seu dever: «promover em vez de condicionar» — verbo que, quase sempre, tem significado: estorvar.

Apreço e respeito por quem trabalha e quem procura trabalhar bem, na consciência de que a qualidade do que faz é um bem-comum, breve a frutificar para toda a comunidade — é uma atitude de espírito de que, geralmente, poucos são capazes.

Círculos de interesses de pequenos mas poderosos grupos foram, durante muitos anos, a razão fundamental de muitos condicionamentos, a impedirem a promoção que levaria outros «a singrarem por si no mundo das leis objectivas da luta económica».

«Conceder benesses e privilégios» permitia ter melhor na mão os empreendedores, condicionar mais convenientemente os seus empreendimentos, ao sabor dos tais interesses dos pequenos mas poderosos grupos. E no clima de privilégio aos «monopólios abafantes de iniciativas válidas», naturalmente se ia despersonalizando mais e mais a nossa gente por uma falsa gratidão que, «parece estranho, e é!» leva a «agradecer uma coisa normal».

Ora a reforma de mentalidade, imprescindível e urgente, diz-no-la, o Secretário de Estado nesta imagem simples de um jogo, não de interesses criados e de resultado préviamen-

te feito, mas em ordem à revelação de valores: «A decisão que me agradecem, cifra-se nisto: Puz a bola no vosso campo; agora é aos senhores que compete batê-la e marcar pontos.»

Nós não somos industriais, mas aprendemos de Pai Américo a respeitar profundamente o homem, livre, responsável, personalizado. E dele aprendemos também a apreciar a iniciativa e a crer no potencial imenso do trabalho. Estes foram os valores de base sobre que Pai Américo estruturou a sua Obra. E o Povo compreendeu, acreditou, e nunca faltou,

Continua na QUARTA página



Dia 16 de Julho — O nosso Bispo entre os seus.

Cantinho dos Rapazes

Vamos ver duas cartas que o correio trouxe há pouco.

A primeira é acerca de um dos nossos que fugiu:

«Padre: não sei como hei-de começar esta carta, pois todas as desculpas e todos os perdões que tenho que pedir, serão poucos, para o mal que eu julguei, consoante o que meu irmão me disse.

Eu, irmã de F., rapaz que v. teve a amabilidade de admitir nessa Santa Casa, venho dar

a mão à palmatória, porque só ontem tive o verdadeiro conhecimento através da minha parente onde meu irmão se encontra, que ele saiu tal como v. me tinha dito na sua carta. Nós por vezes vamos atrás do sangue e não vemos a realidade, não conhecemos os defeitos dos nossos e ainda muito mais quando não lidamos com as pessoas como foi o meu caso. E francamente fui atrás da choradeira dele, convenci-me

que ele tinha razão, mas peço muita desculpa, errei, confesso-me arrependida e estou disposta a mandá-lo imediatamente para essa casa e vou contar o que se passa.

Meu irmão resolveu não mais trabalhar e chegar tarde a casa e a horas desencontradas para jantar, dizendo até que estava disposto a assaltar um banco e a fugir para a França. Quando minha parente me contou isto senti imediatamente um arrependimento e uma revolta dentro de mim que só Deus sabe, e então vi quanto o Padre tinha razão: ele não é bom e faz dos outros maus; este rapaz não pode ficar à deriva, porque agora a minha parente não o quer; ele responde-lhe, bate com as portas quando sai; e eu como mulher sem ter ninguém, não posso com a vida dele. Padre por Deus agradeço que o receba novamente em sua casa, mas arranje maneira que ele não torne a fugir e obrigue-o a trabalhar que é o que ele precisa; é desobediente e malcriado; agradeço uma resposta e não me leve a mal, eu sou irmã, e via as coisas pelo meu lado.»

Quando este nosso rapaz fugiu nós escrevemos duas cartas à irmã para que ele regressasse imediatamente. Dissemos alguma coisa dos seus defeitos e da sua pouca capacidade intelectual. Recebemos duas respostas hastantes ofensivas.

Continua na QUARTA página

Aqui Lisboa

Por Padre Luís

«A criança deve ter todas as possibilidades de se entregar a jogos e a actividades recreativas que devem ser orientadas para os fins que a educação visa alcançar; a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer.» (Da Declaração dos Direitos da Criança).

Se atentarmos ao que se passa pelo País, sobretudo fora dos centros mais importantes, fácil é constatar a pobreza de meios postos ao dispor das crianças, quer na ordem material, quer no aspecto humano. Ausência de recintos apropriados ou acentuada escassez deles e falta de professores ou de monitores especializados são lugares comuns. Este segundo aspecto é ainda o mais grave, pois onde há gente capaz e com espírito de imaginação muito se consegue suprir.

A educação física, parte integrante da verdadeira formação humana, só encontra audição no seu aspecto aplicado, o desporto. Mesmo aqui, sabe Deus, que deficiência e adulteração de finalidade! Autênticas inversões de estratos, com pirâmides tendo no vértice aquilo que deveria constituir a base, pois o espectáculo deveria ser consequência duma grande massa praticante e não ao invés. Por outro lado uma multidão, tantas vezes ululante, visando a obtenção de vitórias por qualquer preço, passiva quanto a exercícios físicos, enquanto uma diminuta parcela de pessoas os pra-

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA



SETUBAL

1 de Julho.

Faz hoje 14 anos que esta nossa casa abriu as suas portas no intuito de dar ao rapaz da rua o calor de Família de que precisa.

Se Pai Américo escolheu o Sangue de Cristo para apadrinhar este nascimento foi por saber onde estava a chave de todo o esforço, o preço de graças recebidas ao longo de todos estes anos. A salvação do Rapaz é o objectivo número 1.

De todo o nosso viver, a fraqueza e o abatimento dos mais responsáveis tem sido a causa maior por que temos falhado.

Os rapazes têm aqui a sua parte, pois nunca a Obra desejou deixar o princípio gerado na experiência de ser o rapaz conquistado a conquistar os outros.

Cada rapaz, desde o mais pequeno ao maior é uma Pedra precisa à construção da nossa Obra.

Cada um tem o seu lugar: Uns nos caboucos a servir de encosto a outras pedras mais pequenas metidas entre as juntas das grandes para as ligar e formar o bloco que aguenta com o peso do edifício que em cima vemos.

Alicerces! Estes allicerces temos que ser os de dentro no viver a divisa que rege a Obra da Rua: «De Rapazes, para Rapazes pelos Rapazes.»

As dores dos mais responsáveis, e a insuficiência deles, são por causa da pequena parte que cada um dos outros toma no bloco que segura todas as paredes e pilares da nossa Obra.

É na consciência que cada um toma do seu dever e no seu brio que a Obra cresce em segurança.

Cada um de sua maneira, todos temos a responsabilidade de estruturar o edifício.

xxx

Neste dia é natal cá em casa. A nossa O. M. Começou logo de manhãzinha. Primeiro, por via dos exames que calham sempre neste dia.

Depois... Galapos, que é a nossa praia por excelência, pelo sossêgo e por a termos conquistado quando ainda lá não havia barracas nem toldos de negócio.

Água, areia, rochedos, como fundo; e eles, tal como os teus, quando o bulfício e o enrolar das ondas, mais o à vontade e a frescura da banhoca os chama e os tenta

Fomos todos. Os tempos estão para que os pais vivam e a companhem os filhos, para que eles sejam viveiros da alegria que todos desejamos e que o «mundo» nos quer tirar.

Naquele cantinho, a alegria

que possuímos, como que é outra celebração no Altar.

Os maiores a olharem o à vontade dos mais pequenos e sempre a verem se eles fogem pra'longe. O perigo tem que ser mostrado por aqueles que o vêem; e ninguém melhor do que os pais para mostrar a realidade aos filhos e dizer-lhes até onde podem ir.

xxx

Baptista é o nosso Padeiro. Ele pesca do assunto e é zeloso na sua obrigação. Só quem conhece o Baptista pode perfeitamente saborear o nosso pão.

Uma vez veio cá um ministro com secretário e tudo. E toda a comitiva, ao entrar na nossa padaria, fez espanto ao ver o rapaz a tirar o dito do forno. Só não comeram por etiqueta! Eu não sei onde o espanto, se no padeiro, se no mimoso pão que o Baptista nos dá.

Ele está sempre de roda do Rogério e do Sr. Padre Acílio a dizer que já não há farinha.

O pão é a base numa casa de família pobre. E somos 140 bicos.

xxx

Russito é o chefe da nossa Vacaria mais das nossas pocilgas. Morreram-nos quatro vacas por terem ingerido água saída dos canteiros do arroz, que fôra tratado com adubo químico.

Chegávamos das oficinas quando o médico Veterinário procedia ao exame.

Snr. Padre Acílio dum lado, Russito do outro, também abatido. Mal se soube o parecer

do médico, fugiu o pesadelo: o possível descuido ou desinteresse do rapaz que rege e orienta este sector.

xxx

Tanto a Carpintaria como a Marcenaria, como a Serralharia, estão à disposição para trabalhos de que precisem. É necessário ter muito que fazer para pôr os nossos rapazes em rotação no ofício que escolheram.

xxx

A nossa menina mais o seu irmão já têm pais. Depois de tantos que apareceram à procura duma menina, só agora surgiu alguém que nos leu e, sem mais nada, pediu que lhos mandássemos, como quem já conhece esta nossa «mercadoria». Quando recebemos a notícia fomos logo divulgá-la e Sr. Padre Acílio andou de porta em porta a dizer que a nossa última joia já tinha pais.

xxx

Os vendedores do «Famoso» são agora um ponto que nos chama muito.

Hoje, quando estava a acabar de almoçar, chegou o Domingos Luís muito ofegante e sorridente: Tinha vendido tudo!...

Eu sei desta alegria, pois também corri as ruas do Porto e de Coimbra a apregoar: «Olha ó Gaiato».

Eu sei, e por isso tenho achado brio e esforço nos nossos pequeninos vendedores.

Dá-lhes tu, Leitor, pressão e ajuda. Vê no pequeno vendedor o teu...!

E. Pinto

Uma afeição verdadeira que nasce da caridade de Jesus Cristo, une este Centro a todos os Pobres, e aos leitores do «Famoso». Por ele, «O Gaiato», damos a saber de vez em quando, o que se vai passando por esta casa, as suas necessidades e suas alegrias, porque os espinhos que nascem das contrariedades, dos mal compreendidos, e daqueles que por vezes mais beneficiados são, esses guardamo-los para nós, oferecendo-os a Deus que tanto sófreu por toda a humanidade. Um grande descontentamento me traz preocupada: É a falta de encomendas. Sem elas teremos que fechar a casa. As tecedeiras dos chales, têm tido um ano de férias forçadas. Quanto a malhas, vamos trabalhando para o lote, para quando as pedirem irem na volta do correio. Nos teares fazem-se trabalhos que a qualquer altura



do ano fazem falta em vossas casas, desde as passadeiras de tiras, até às colchas e carpetes. Podem pedir sem receio que ficam bem servidos. No último artigo, tinha pedido uma ajuda para o concerto duma casa. Apenas 2 migalhinhas recebi para esse fim. Canalizei também para aqui, 500 escudos que recebi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, de donativos que para lá tinham mandado. Recebi de 2 Irmãs da Capital, 20\$ mensais. De D. Berta Ferreira, também de Lisboa os 20 do costume, e os seus acréscimos. Do Senhor que se assina Bem Haja, também da Capital, 200\$00, e a carta que passo a transcrever: «Quiz Deus pro-



Não, não é de Malanje esta neta, mas de Paris. Filha do Zé Inácio que trabalha na Citroen

Cantinho de Malanje

Tím... tím... tlão... repica o sino e torna a repicar. Aurora toda florida se nos apresenta. Os passarinhos entoam lindas melodias, com algo de patético. No meu quarto penetra uma nesga de luz de um esguio raio, dando-me a perceber o loiro e luzidio Sol, já alto. O barulho da malta, o arrastar das camas, faz-me andar ligeiro para que não chegue tarde ao almoço. Juntamente com a malta caminho em direcção ao refeitório, onde havemos de tragar a primeira refeição do dia.

Repentinamente, a figura média e cheia do nosso Padre Telmo entra de mansinho no refeitório, onde nos anuncia que hoje é o dia de Pai Américo. O meu olhar avança em direcção ao calendário do meu relógio, aparecendo marcada a data de 16 de Julho.

16 de Julho, data solene nas Casas do Gaiato. Solene por-

quê? Porque já lá vão treze anos que o Senhor Deus ordenou a dois dos seus anjos, para que fossem à Terra buscar o humilde lavrador Américo de Aguiar. Então, aqueles dois servos do Senhor pegaram-no com as suas mãos tão belas, tão alvas e tão macias e com ele voaram, voaram pelas alturas até chegarem ao Reino do Céu. Ai lavaram-no, perfumaram-no e colocaram-no junto do trono de Deus, para que melhor cuidasse da sua frondosa árvore que na Terra deixava.

Na Terra, aquela sua árvore, que hoje comporta oito fortíssimos ramos e demais galhos, incorporando ainda cerca de oitocentos e tal frutos, oscila como um pêndulo, manifestando assim o seu «Deo gratias» para com aquele que juntamente com o Pai do Céu vê florir, crescer continuamente a sua árvore, dentro dos melhores trâmites, apesar de certas anomalias suster, porque o Mal é uma grande raiz repartida por todos que no Mundo vivem.

xxx

Uma mulher geme com dores de parto. Ao seu redor quatro a cinco indivíduos vestidos de branco, entregam-se a adequados trabalhos cirúrgicos. Do ventre daquela que há pouco gemia, brota mais uma vida. A Nação é mãe de mais um cidadão ou cidadã. Talvez o índice de natalidade, com o seu nascimento sofreu alteração.

Mas, após entrada no Mundo, é de capital importância colocar aquela alma na servidão de Deus. Assim, no dia de Pai Américo, recebeu na nossa capela o sinal de serva de Deus, a Sandra Maria, terceiro rebento do casal Fernando Emilla, que nesta casa serve a Obra. Aqui deixo em nome de todos expressos os nossos parabéns.

xxx

Partir. Separar. Ambas as palavras por vezes significam



Maria Augusta



Noticias da Conferência de Paço de Sousa

FESTA REGULAMENTAR DE S. VICENTE DE PAULO — Celebrámos, ontem, em Paredes, a Festa Regulamentar de S. Vicente de Paulo, organizada pelo Concelho Particular de Penafiel. Foi uma reunião familiar, de convívio vicentino. Sem pretensões de grande assembleia, nem de triunfalismo. Éramos, ali, pelos Pobres. E progresso da nossa acção como simples recoveiros deles.

Estiveram vicentinas. Convidamos-nos sempre. É que não faz sentido — nem devemos ser — compartimentos estanques. A Sociedade tem a mesma raiz (Ozanam) e o mesmo objectivo (os Pobres). Claro, só quem for cego não vê a luz.

Como o Espírito Santo sopra onde quer, a Festa do nosso padroeiro deu muito para meditação e acção concreta.

Primeiro, a palestra de um vicentino de Freamunde. Tivéssemos espaço e seria transcrita. Em frases simples referiu-se, com humildade, ao sentido actual da Vocação Vicentina. Desde a hora do despertar à do agir no dia a dia. Tudo equacionado de acordo com o espírito da Sociedade. Fustigou a rotina. O não te rales. A falta de preparação para a missão que nos incumba. E, entre várias interrogações, deu relevo ao trabalho consciencioso do vicentino. Aliás, o nosso Padre Abraão, sem haver escutado o orador, que a vida não lhe permitiu acompanhar a sessão de fio a pavio, à homilia da Santa Missa agarrou-se aos textos litúrgicos e desbobinou, também do altar abaixo, o verdadeiro sentido da Vocação Vicentina!

Há uma nota, no desenrolar da assembleia, que não podemos deixar de

dor. E, essa dor por vezes é mútua. A emoção vence-nos e das pequenitas órbitas dos nossos olhos saem dois fiozitos de lágrimas, que nós procuramos ocultar. Interrogações se fazem. Voltará? Vê-lo-ei novamente? Promessas se fazem, beijos, abraços se dão. Até o cão parece compreender o significado daquele acto.

Todavia o carro, o navio, o avião, parte. Os rostos dos que vêm partir e os dos que partem tornam-se soturnos. O lenço é balançado com um nervosismo estranho, até o móvel se perder de vista.

Nestes dias vimos partir dois daqueles que conosco conviviam. Foram eles o Barrigas e o senhor José. O primeiro partiu para ir servir o Exército. Aqui deixo expresso em nome de todos, felicidades e que se lembre de nós. O segundo tinha deixado a família na Metrópole e para as terras de além-mar veio servir a Obra da Rua, erguendo todos os edifícios que nossos olhos contemplam na nossa aldeia. Ele partiu. Foi juntar-se àqueles que na mãe-pátria, talvez esperaram este dia com paciência. Com mágua o vimos partir, por ser um operário exemplar. Obrigado Sr. José. E que o porvir lhe sorria como lhe sorriu até aqui é o que lhe desejamos.

José Luís Magro

salientar. Falou-se num pároco de algures, ocupado na construção de uma igreja, cujo povo beneficiou, recentemente, da Missão Diocesana. Ora com as almas do Rebanho mais esclarecidas na Fé, poderiam ficar só no levantamento do templo. Mas não. Querem mais. Querem o que falta, infelizmente, em muitas paróquias — uma Conferência Vicentina. Com o pastor à frente, vão dar a mão aos Pobres, a exemplo do nosso Mestre. E a propósito já o Sr. Bispo de Aveiro, em relação ao «Património dos Pobres», afirmou — e muito bem: «A Igreja não tem apenas uma missão de culto, mas também uma missão de caridade. Uma paróquia que resolve ou está resolvendo o problema da construção ou remodelação da «casa de Deus» não pode alhear-se do problema que constitui a construção de casas para os homens». E, neste caso, generalizaria, com certeza — não pode alhear-se do amparo e promoção social dos seus Pobres — por intermédio duma Conferência Vicentina, como Sociedade organizada e com 100 anos de tarimba.

É tempo, e mais que tempo, de se encarar o Social Cristão sem lutas, sem nevoeiros! Fechando-se uma rota da Cruz impede-se o Caminho...

Vem, também, a propósito, o caso de uma Conferência que lembrou algures a hipótese de um sacerdote vicentino palmilhar vigararias da diocese, sobretudo do meio rural, esclarecendo e mentalizando párocos sobre a actualidade da Sociedade de S. Vicente de Paulo, como Obra de leigos indispensável na acção pastoral. E, quem dera, em consequência da Missão Diocesana. Poucas seriam as freguesias onde não surgisse um pequeno — ainda que pequeníssimo — grupo de homens bons para a tarefa. Aceite ou não, compreendido ou não, é uma achega mais no expresso desejo e interesse da Igreja pela resolução dos problemas sociais. E até como necessário veículo de consciencialização dos deveres d'ordem social que competem às comunidades cristãs.

O QUE RECEBEMOS — Temos, hoje, uma colheita farta, graças a Deus! Abre o assinante 14590, de Lisboa: «São só 20\$00 para os Pobres da Conferência de Paço de Sousa. O Altíssimo permite que surjam muitos 20\$. Ofereço por uma necessidade maternal, que preocupa. O Santíssimo mande Seu auxílio divino.» Ó legenda! Mais 20\$00 «por alma de Maria Augusta», entregues no Espelho da Moda. Mais 30\$00, em vale, do Funchal. E 120\$00 da Horta, «importância relativa ao primeiro semestre do corrente ano». A perseverança destes subscritores sem cobrador é uma nota típica do «Famoso». A costumada presença da assinante 17022 com 40\$. Atenção para outra legenda: «Para a Conferência, 20\$ em honra dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, para que me guardem o meu filho, que está no ultramar e o tornem a trazer depressa para o nosso lar, com vida, saúde e perfeito, livre de todos os perigos.» É a voz de uma Mãe! Mais uma nota, agora de 50\$00, de um Médico muito amigo das Caldas da Rainha. E segue um cheque de 1.000\$00, de Sendim, «com destino aonde fizer mais falta». Foi um maná! Outra nota de 20\$00 de uma funcionária dos C. T. T. U., em Lourenço Marques. O mesmo da assinante 25881. Ainda o mesmo da Rua Pereira e Sousa, de Lisboa. E, finalmente, 50\$00 da assinante 17740, que nunca falta!

Júlio Mendes

O Ti João ralha com todos. Até com ele próprio. Quer toda a gente a trabalhar. As seis da manhã rompe com o sol pelas avenidas e vai de varrê-las, arengando sózinho: — Quando eu morrer nunca isto volta a estar tão bonito!

É um doente. Mas ama o trabalho e a beleza das coisas. É feliz. E com tão pouco se basta. Um cigarro chega para se quedar a contemplar o produto do seu labor. Quem manda, pois, Definitivos?

Vamos continuar a dar notícias das presenças após a Páscoa.

Marido e esposa com quinhentos escudos. Paula com quarenta. A assinante 10068 «não se sentia feliz se, ao comemorar as bodas de prata matrimoniais não se lembrasse do Calvário.» E veio. A Escola Josefa de Óbidos como sempre, tornou este ano com muita delicadeza a entregar 2.280\$00. Criada de servir vem com este monumento: «conforme prometi envio a importância que vou juntando — 5\$ por mês. Sou criada, mas com muitos encargos, porque tenho a minha mãe doente e paralítica há anos e preciso de a ajudar. Vão mais cem escudos que são de um aumento de ordenado.» Nós precisamos de conhecer os humildes para aprendermos a amar melhor o nosso semelhante. Esta tem encargos. Por via deles quantos não se dispõem de ir mais longe. Esta não: ainda pensa nos que mais carecem de auxílio.

Alda de Lisboa está aqui com cem escudos. Angelina com outro tanto, Maria da Glória e Josefina de Portalegre também. Igualmente Idalina. Anónima da Rua das Papoilas com metade, mas todos os meses. Raúl do Porto com o dobro e muito constante em seu aparecer. Uma doente pede orações. Lídia de Lisboa com cem. Artur com metade. Laura com vinte. Maria da Conceição com dez



vezes mais. Amiga da Palhaça com duzentos e cinquenta. Leopoldina com o dobro. É uma criada. Pouco importa. Ou talvez por isso soube dar. Assinante com cento e dez. Estes pais foram com os filhos ao Coliseu, à nossa festa e entregaram trezentos pelos sete que Deus lhes deu. Um qualquer com cheque de quinhentos. Palmira de Vila Flor com outro tanto. Maria das Dores com cinquenta. Júlia com o dobro. E Maria Leonor com duzentos pela conversão do marido. Eduardo com metade para ajudar a minorar o sofrimento dos que padecem. Duas senhoras com setenta. Viúva com cinquenta. Júlia Costa e Berta com outro tanto.

Em sufrágio da alma de sua mãe este filho tem vindo mensalmente há anos para cá. E do mesmo modo esta filha amiga de seu pai. É de S. Mamede. Está aqui um aumento de ordenado. No Lar do Porto duzentos. De Mafra vinte. De Alhandra cem. De Ferreira do Alentejo uma migalha. Do Dundo — 800\$ — provenientes de gratificação extraordinária. De Ovar duzentos e cinquenta. De Vizela vinte e cinco e de Coimbra quarenta. Roupas no Porto. E desta cidade «uma lembrança tão pequenina com o gosto de dar muito.» «Pela felicidade de meus filhos — cem.» Outro tanto de uma promessa.

E igual soma do Barreiro, «para ajuda de uma aflição.» Na festa do Monumental uma promessa de quinhentos. Outro aumento de ordenado — 600\$. A migalha do costume. Dos Açores 89\$40. De Almalaguês seiscentos. E pelo bom êxito dos exames duzentos.

Maria Isabel com cem. Maria José com outro tanto. E Laura também. Duas senhoras do Porto com quinhentos. Viúva de Ovar com mil. O avô vai já nos oito anos e meio de seu neto amigo. Não faltou aqui um mês! Carolina Esteves com mais quinhentos. Anónima com dois mil. A humilde portuense continua presente. Assinante da casa dos cem com mil e duzentos de aumento de ordenado. Admiradora com uma migalha. O grupo sem nome, de Lisboa, com mil. Alguém com igual soma de gratificação de Natal. Assinante com dez por cento de prémio do Totobola — oitocentos. Condiscipulos do Dr. Vitor Ramos com trezentos para sufrágio. Emília Couceiro com quinhentos.

Rosa e Celeste com duzentos e setenta. M. Teresa com cento e cinquenta. Comerciante de Paredes com cinco contos. Miquelina, do Porto com oitocentos muito amigos. Do Rosal dois contos e meio. Francina com cem. Antonieta com o dobro. É do Dafundo.

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

LOURENÇO MARQUES

Está prestes, a comemorar-se mais um aniversário da morte do nosso tão querido Pai Américo, a quem eu e outros como eu devemos toda a nossa vida porque foi ele que, por intermédio da Obra, nos tirou da rua e da miséria. Pai Américo começou de mãos vazias e, com ele, os seus colaboradores. A Obra aumentou, e hoje está em Moçambique. Temos notado que há carinho e mãos amigas para nos levantar.

É preciso que seja sempre para que os nossos irmãos contem com alguém interessado neles. Por isso, nos hão-de ajudar a construir uma Casa do Gaiato que será luz e verdade para quem não tem família. Teremos muito que sofrer, mas Deus há-de ajudar-nos e há-de abrir muitos corações que ainda estão fechados e fazer-lhes sentir as nossas necessidades.

Com a planta que saiu no nosso jornal os leitores já ficaram com uma pequenina ideia de como vai ser a nossa Casa do Gaiato de L. Marques.

Começámos a ensaiar a nossa Festa que será daqui a dois meses.

O João, nosso ensaiador, pediu ao Senhor Padre José Maria cabeleiras, e aqui em Lourenço Marques não as há de alugar.

Haverá alguém que as possa emprestar?

José Manuel Santana

MIRANDA DO CORVO

Férias — É grande o entusiasmo cá em casa, porque acabado o ano escolar chegam as férias, e com elas a praia. Cá em casa todos querem ir à praia, por isso os que não passaram de classe, esforçam-se agora por merecer férias. Em todas as horas do dia só se houve perguntar: quem são os primeiros a ir; o meu nome

já está na lista; olha que eu portei-me bem e passei de classe, etc..

Mas todos iremos à praia se Deus quiser. Iremos acampar na Praia de Mira como nos anos anteriores.

Campo — Andamos a arrancar as batatas, que graças a Deus são muito boas. No olival dos poços, temos muitas e grandes. Esperamos que nas outras terras também seja assim.

Andamos também a arrendar o milho que está muito bonito e esperamos que dê muito.

Este ano as árvores de fruto têm nos dado muito trabalho, mas esperamos que o nosso trabalho seja compensado. As macieiras, pereiras, e pessegueiros estão carregados de frutos. Esperamos que não se estraguem, se não lá vai o nosso trabalho por água abaixo.

Fonseca



UM AMIGO

Mais um que a morte visitou.

O Sr. Russell de Sousa foi das pessoas que mais interferiu na entrega desta quinta de Paço de Sousa à «Obra da Rua»; dos que mais conviveu com Pai Américo naquela fase de preparação; alguém que lhe ficou preso por tão profunda admiração e amizade, que ambas passaram da pessoa à Obra, para além da vida do seu Fundador.

Recordamos com saudade vários momentos de encontro em que o assunto de conversa, naturalmente, sempre ia dar àqueles tempos heróicos da fundação de Paço de Sousa. E ficamos agora a lamentar outros que a sua afeição nos proporcionava e a vida nos não deixou aproveitar.

Sr. Russell de Sousa foi um dos que deixou lembranças vivas de Pai Américo nestas colunas, sob a epigrafe «Facetas de uma vida». Mas não chegou a escrever, como tanto lhe pedi, aquele caso insólito passado na Reunião em que se devia decidir e decidiu a entrega do Mosteiro de Paço de Sousa e sua cerca, o qual abona exuberantemente o carácter profético em Pai Américo.

Presentes, Senhor Governador Civil do Porto e as várias entidades interessadas no problema do Rapaz da Rua.

Discute-se. Sugere-se. Alguns vão concretizando caminhos de realização — todos, claro, dentro do que era clássico na época a respeito de estabelecimentos assistenciais.

Pai Américo foi escutando, escutando... E, de repente, levanta-se, não interrompe com nenhuma saudação e sai da

sala.

Estupefacção! O primeiro a vencê-la foi, justamente, o Sr. Russell de Sousa. Veio a correr atrás de Pai Américo e encontrou-o já nas escadas que dão para a rua.

— Padre Américo, mas que houve?!

— Nada... Os Senhores iam dizendo como deverei fazer, mas não é isso que Deus me diz... Portanto não interessa, não ficarei com a quinta.

— Ó Padre Américo, mas venha e fale...

E com tanta veemência o terá dito, que Pai Américo voltou atrás e disse e disse e disse. E mais ninguém falou. E mais ninguém interferiu. E a quinta foi dada à «Obra da Rua». Fez já 26 anos. E ninguém achou que Pai Américo houvesse sido incorrecto.

São assim os mensageiros da Verdade. «Cheios de Cristo, imbuídos de Cristo», não falam para agradar a ninguém, não se cingem às regras da etiqueta humana. Dizem o que Deus lhes diz e manda dizer — e regressam à pequenez da sua dimensão humana.

Honra aos homens daquele grupo, com certeza homens de boa vontade, que se não escandalizaram com aquele padre ainda pouco conhecido, antes se lhe afeiçoaram e lhe deram mostras de respeito e confiança que cresceram e duraram até ao fim de cada um.

Que o Senhor guarde em Seu seio a alma deste grande Amigo. E que no Céu tenha revivido já com Pai Américo o mistério do seu primeiro encontro na Estação de S. Bento, à partida do Rápido para Lisboa.

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

«No tempo oportuno», com o financiamento que nos permitiu crescer e promover crescimento, sempre com orçamentos equilibrados.

Liberdade e respeito mútuo foram condições sine qua non da vitória de Pai Américo. E tão essenciais elas eram ao bem-comum, que Deus o carismou para que ninguém lhas perturbasse e o impedisse de combater o bom-combate.

Por isso com que delícia saboreamos estas palavras do Eng. Rogério Martins, cujo pensamento queremos gravar, com estourras, elucidativas por si de uma mentalidade sábia, fraterna que bem preciso e urgen-

te é se contagie a todos nós:

Mas senhores industriais, não lamentem que o público consumidor tenha sido o grande beneficiado! Graças a Deus que tal sucede, porque o público consumidor somos todos nós, e é ele que directamente dá razão de ser a uma indústria como a vossa. Aliás o que é altamente de lamentar é que no nosso País não tenham ainda aparecido associações de consumidores, suficientemente representativas e eficientemente organizadas para poderem falar em nome de grandes massas do público. Esta ausência tem dificultado muitas vezes o jogo liso das leis económicas entre nós; e espero que o exemplo de outros países ger-

Cont. da PRIMEIRA página

Este rapaz custou-nos tanto! Tantos roubos e tantas maldades! Custou tanto a fazer a quarta classe!

Mas no período mais difícil veio a família desafiá-lo. Ele tinha quase 17 anos. A fuga foi o caminho. E agora?...

xxx

Outra carta. Veio dum dos nossos militares.

«Estamos e chegar ao dia 16, dia grande para todos nós. Neste dia, de uma maneira muito especial, devemos todos pedir a Pai Américo que nos abençoe lá do Céu, e como está mais perto do Senhor que lhe peça para nos ajudar a sermos bons filhos, e aos mais responsáveis — bons chefes, que não nos deixemos levar por desânimos, que nos ajude a sermos perseverantes e a levar a Cruz que Ele nos destinou de cabeça bem erguida e, ainda que com dificuldade, com alegria. Aos que andam mais

Cantinho DOS RAPAZES

desanimados que o Senhor lhes dê o ânimo necessário.

É na ausência que nós sentimos quanto bem nos fazem as nossas festas familiares. Quando aí, todas nos parecem iguais; mas longe têm um sabor e uma saudade jamais sentidas quando aí. Faz-nos bem esta ausência aqui longe e sem ninguém a quem nos apoiar. O Senhor e Pai Américo são o nosso apoio. E nestes momentos que melhor bendigo a hora da minha entrada para a Casa do Gaiato.

Mesmo no perigo sei que não estou sózinho, pois Alguém, e

muito perto do Senhor, vela por mim.

Que neste dia estejamos todos mais unidos a Pai Américo que lá do Céu continua a pedir ao Senhor pelos seus filhos, é o desejo deste seu filho que a todos abraça.»

Duas cartas que revelam duas atitudes bem diferentes. Ambos sentiram a sua crise de adolescência. Ambos tiveram 16 anos. Ambos receberam as mesmas coisas, das mesmas pessoas e na mesma casa. Um lutou e venceu. Outro ficou-se na derrota.

Padre Horácio

Aqui LISBOA

Cont. da PRIMEIRA página

tica. As somas astronómicas gastas com o chamado desporto profissional estão longe de corresponder a um desenvolvimento proporcionado ao que se passa no sector amador. Construções monumentais para umas dúzias de praticantes e falta de parques de jogos ou de salões adequados para a iniciação dos jovens são factos bem visíveis. As vezes são as próprias Câmaras que abrem piscinas e outros recintos para os subtraírem às massas menos favorecidas de bens materiais, como se só dinheiro desse direitos.

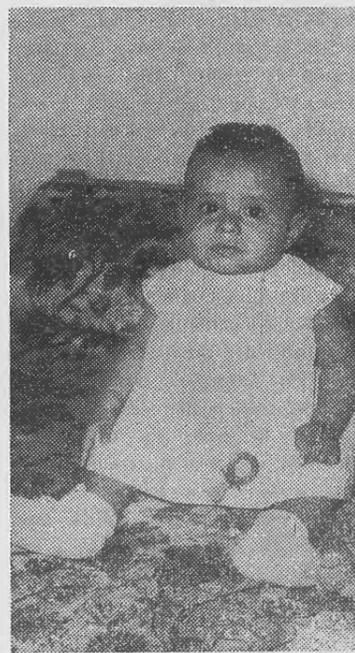
As escolas, a todos os níveis, estão longe de apresentar um panorama animador. A primária, onde se poderia e deveria realizar todo o começo, nada oferece; no grau secundário vêem-se muitos colégios e mesmo estabelecimentos oficiais sem mestres; no grau superior todos sabemos que quase tudo se deve aos esforços das Associações Escolares e é, ao fim e ao cabo, muito pouco para as necessidades. Instituições como a nossa, que bem mereceriam e desejariam ter alguém capaz de insuflar nos Rapazes, toda a potencialidade de recursos anímico-físicos que, por exemplo, os jogos, a educação física e o desporto são capazes de incutir, sentem-se coagidas a viver na mediocridade comum. Diga-se de passagem, todavia, que já um dia pretendemos

chegar a uma esfera alta onde esses assuntos são tratados, e encontrámos maiores dificuldades de penetrar do que nos gabinetes ministeriais.

No aspecto recreativo todos sabemos a penúria do que existe. Deixando de lado o pouco do aspecto recreativo da educação física e do desporto, quase nada se encontra ao serviço das crianças. Mesmo o que existe é para adultos. O gosto pela leitura, e interesse pelas artes, a atenção pela música, etc. podem-se dizer inexistentes nas preocupações práticas da maioria. Quase diríamos, até, que se não fôssem os jornais desportivos e as histórias aos quadrinhos, a maior parte da população nada lería e, mal saída da escola, passaria apenas a soletrar. E como as crianças, ao contrário do que seria para desejar logicamente, ficam para trás nas preocupações, não vemos como estejam a beneficiar de uma protecção especial e receber possibilidades e facilidades

mine também por cá, suscitando as iniciativas neste campo, que por definição têm de brotar e crescer espontâneas, mas que serão por este nosso lado encaradas com o maior acolhimento e simpatia.

Visado pela
Comissão da Censura



Filha do Xico Costa, de Luanda

conferidas por lei e por outros meios que a ajudem a desenvolver-se de maneira saudável e normal no plano físico, intelectual, moral, espiritual e social...» Pessimismo? Antes fosse, pois seria negado pelos factos. A realidade, porém, se quisermos ser sinceros, é bem negra e não nos deixa vislumbrar um futuro promissor. É que, não esqueçamos, as crianças de hoje serão os homens de amanhã!

Padre Luís

CALVARIO

Cont. da TERCEIRA página

Bem haja. Ana com trezentos. M. Amélia com duzentos. Augusta Lima com mil e quinhentos e logo depois com o dobro Nunca um rosário foi tão bem pago! Da Amadora cinquenta. Religiosas do Porto com quinhentos. Braga e Moutinho com seiscentos. Albertina, de Rebordosa, com roupas. Emília do Porto com dois contos. Angelo com cem. Doente para doente com vinte. Ilda com roupas muito boas. Amélia com setecentos. Sensibilizada com o Calvário, anónima de Castelo de Paiva com quinhentos. Maria do Resgate com outro tanto. David da Maia com metade. Visitantes com mil. Portuense qualquer não falta, mês após mês. As funcionárias do Banco de Portugal também não. A Oferta também se apresenta todos os meses. Quem a envia? A assinante 19109 está presente. Assinante de Braga não falta com os quarenta mensais.

Estivemos nas igrejas do Porto, Nos Carmos deram-nos 19.800\$. Na Trindade 24.000\$. Nas Almas 10.500\$. Em Avanca 3.900\$. Em Paredes (Douro) 4.500\$. Bem hajam todos.

Padre Baptista



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE